

Tradução:

François Dagognet: Verbete - Agronomia

DAGOGNET, François. **100 mots pour commencer à philosopher**. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 2001.

João Ricardo Rodrigues Coelho¹

Essa disciplina, que é tanto ciência quanto técnica – a agronomia, que está se transformando em agroindústria e até mesmo em "agronegócio" –, estuda não apenas as plantas a serem cultivadas, mas também os animais a serem criados e as terras a serem melhoradas; ela faz uso de máquinas, sementes, fertilizantes. Além dos vegetais, dos animais e dos solos, o conjunto em questão – a ruralidade – também se encontra no coração da cidade, que sofrerá suas consequências. Existe uma tecnociência tão rica em consequências, já que afeta tanto os camponeses quanto as paisagens? O meio ambiente e os atores, todos participam da transformação que começa por atingir a cultura dos campos. Uma das revoluções mais importantes – o sistema de Norfolk – estava prestes a transformar a Europa. Até então, sabia-se que as terras se esgotavam rapidamente; em consequência, era recomendada uma cultura itinerante. As terras incultas que produziam colheitas abundantes haviam sido previamente queimadas, porque as cinzas fertilizavam os locais. Mas era principalmente praticado o sistema de rotação de culturas: um ano a cada dois ou três, a terra era deixada em repouso (o tempo de pousio).

¹ Graduando em Agronomia pelo IFSertãoPE Campus Petrolina Zona Rural. E-mail: joao.ricardo1@aluno.ifsertao-pe.edu.br

Mas a agronomia iria acabar com esse tipo de cultura: percebeu-se que, em vez de deixar a terra em pousio, era muito mais vantajoso semeá-la com trevo, alfafa, plantas forrageiras (o pasto). Não apenas essa vegetação permitiria aumentar os rebanhos (o que resultaria em esterco), mas também melhoraria o solo e intensificaria as colheitas (o trigo). Graças ao prado artificial, quanto menos se semeia, mais se obtém. François de Neufchâteau já havia observado: "O trigo é o inimigo do trigo." Paradoxalmente, a expansão das áreas cultivadas arruína o camponês. Semeando pasto, alguns ainda se recusavam.

Seguiram-se inúmeras consequências: uma delas foi a obrigação de cercar as propriedades ("enclosures") e, portanto, o fim dos campos abertos (*open field*). Antigamente, não se podia aceitar o fechamento dos campos (o direito de passagem), especialmente porque a agricultura precisava se deslocar em busca de novas terras. Até recentemente, ritmos comunitários ditavam os trabalhos (os camponeses deviam começar suas semeaduras e colheitas ao mesmo tempo). Agora, a agricultura está livre de toda restrição coletiva. Cada um cultiva suas parcelas como bem entende, mas deve protegê-las contra aqueles que as atravessariam (e pisoteiam seu pasto). As sebes recortam a paisagem e a transformam em um tabuleiro de xadrez.

Vale notar que, no século XX, a agroindústria e seus poderosos maquinários destruidores, com vários arados e colheitadeiras, exigem terras contínuas, em grandes extensões. A planície é devolvida à sua imensidão e à sua nudez (a remoção sistemática das sebes de outrora). Os vilarejos, por sua vez, tendem a desaparecer, já que restam apenas um ou dois agricultores (as fazendas são cercadas por armazéns, estábulos, grandes construções). As cidades, já no século XIX, haviam absorvido os "trabalhadores diaristas" que não encontravam mais seu lugar no campo, com o fim dos campos de pastagem, onde algumas poucas cabeças de gado podiam pastar; tudo foi dividido, repartido e fechado; os desafortunados foram atraídos pelas fábricas, pelas periferias das cidades (o proletariado, o exército de reserva do qual a indústria se alimentava).

A monocultura intensiva alcançou desempenhos produtivos inimagináveis. As ciências químicas (os fertilizantes), as biológicas (a genética, em particular), as geológicas (a pedologia, disciplina que analisa e corrige os solos), as mecânicas (as máquinas), todas permitem recordes. As criações (por exemplo, 100.000 galinhas poedeiras reunidas) acabam por tirar da antiga agronomia suas cores e peculiaridades, sua autonomia: adotam-se e aplicam-se métodos industriais (a busca pela produtividade). A questão permanece se a quantidade não acaba com a qualidade (o sabor, as diferenças). De tanto ver tudo se multiplicar e intensificar, o filósofo poderia pensar que estamos perdendo aquilo que o *terroir* e as estações nos proporcionaram